
Fluxos de mobilização na comunidade @uneoficial durante a pandemia de Covid-19¹

Ana Lidia Resende PAULA²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

Através da análise das estratégias de mobilização adotadas pelos perfis da União Nacional dos Estudantes - UNE nas redes sociais digitais, observados os atos do dia 23 de setembro de 2020, visamos compreender as relações de confiança e os processos de mobilização durante a pandemia de Covid-19. Com a hipótese de que para que público faça parte de uma ação ativista é necessário mínimo reconhecimento com a comunidade, são observadas as estratégias aplicadas na divulgação do ato virtual e o engajamento da comunidade nas ações.

PALAVRAS-CHAVE: ciberativismo; fluxos comunicacionais; autocomunicação; comunidade; mobilização;

TEXTO DO TRABALHO

A pandemia e os processos de ocupação do ciberespaço

Com a chegada da web 2.0, que possibilitou a democratização da internet em larga escala, as redes sociais tomaram conta da rotina das pessoas e o encurtamento da

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação no curso de Jornalismo, na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, e-mail: ana.lidiarende@hotmail.com

³ Professora Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e orientadora do trabalho, e-mail: iluska.coutinho@ufjf.br

distância física, característica da internet, resultou em importantes encontros virtuais. A pandemia de Covid-19 evidenciou algumas questões sobre o ciberespaço que, se antes já podiam ser observadas, se acentuaram com a necessidade das medidas de isolamento físico. No âmbito da vida pública e privada, as redes sociais digitais se tornaram um dos meios mais efetivos de comunicação. Segundo a pesquisa da Kantar, o aumento do uso das redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter e WhatsApp) foi de cerca de 40% durante a pandemia.

Antes mesmo da pandemia, as redes já funcionavam para organização, encontro, identificação da comunidade e já eram consideradas palco para mobilizações virtuais. Não é difícil lembrar, por exemplo, de várias hashtags utilizadas em massa durante a história recente para disseminar ideias, como o caso #NãoVaiTerGolpe, #EleNão e ainda o movimento Chega de Fiu Fiu. Além desses, é impossível não mencionar a importância da internet para as jornadas de junho de 2013. Foi através do ciberespaço que a grande massa de pessoas se organizou e foi às ruas reivindicando direitos e dando espaço a debates importantes sobre o cenário político da época.

É notável que o período de pandemia transformou a internet em um espaço ainda mais importante para os movimentos sociais. Os movimentos políticos, que antes se organizavam em grandes atos nas ruas, se viram obrigados a, naquela conjuntura, ocuparem as redes. Durante aquele período, puderam ser observadas várias ações de mobilização puxadas pelas centrais sindicais, entidades estudantis e partidos políticos que fizeram das redes sociais digitais o palco principal da mobilização.

Algumas noções sobre o ciberespaço (LEVY, 1996) dão conta de explicar a complexidade das mobilizações em rede. Talvez um dos fatores mais importantes seja o da fluidez dos papéis. Ao mesmo tempo, o usuário atua no papel de receptor e também produtor. “No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável” (LÉVY, P.1996: p. 113). Espera-se, portanto, de cada usuário, o qual aqui chamaremos de ator, sempre uma desenvoltura autônoma.

Ao falar sobre as mobilizações em rede, é necessário pontuar algumas noções básicas. Para Recuero (2018) uma rede social é formada pelo conjunto de dois

elementos: os atores (pessoas, instituições sociais, são eles os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Nesse contexto, Santaella (2014) pontua que a rede social pode ser compreendida como uma metáfora usada para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre os atores. Portanto, ao analisar uma rede social, estamos analisando seus atores, suas conexões e interações.

Buscamos com este trabalho compreender os aspectos de mobilização em tempos de isolamento físico e as ações do popularizado “ativismo de sofá”. Nosso objeto de estudo é o Instagram e o Twitter da União Nacional dos Estudantes — UNE. Observamos as ações do dia 23 de setembro de 2020, dia de mobilização nacional pela educação, organizada pela UNE junto às demais entidades estudantis UBES e ANPG. O objetivo do ato era reivindicar as principais pautas da educação e ainda manifestar pela saída do então presidente, Jair Bolsonaro. Acreditamos ser importante entender como se forma a comunidade mobilizadora, quais os papéis divididos entre os atores e se eles existem, além de identificar as particularidades da atuação no Instagram e no Twitter, analisadas a partir das características de cada rede social, e assim, contribuir para o entendimento das transformações do ativismo digital.

A influência da comunidade e da inteligência coletiva nos processos de mobilização

Di Felice (2014) aponta que por anos os fluxos comunicativos foram considerados unidirecionais, ou seja, um único centro emissor produz a informação para um público maior que recebe o conteúdo. Contudo, o novo modelo de comunicação em rede cria possibilidades de interação, temos um sistema de comunicação que é multi e conduzido por muito mais atores.

“Uma forma de produção definida duplamente colaborativa, na medida em que foi construída na colaboração com os fluxos informativos das redes e com os conjuntos de internautas, e por sua vez, também colaborativa, por ser produzida em simbiose com as interfaces que realizam a conexão e difundem formas de inteligência conectiva” (DI FELICE, 2014, p.101)

Essa nova forma de comunicar pode também ser reconhecida como parte de um ecossistema comunicacional conectivo (VIEIRA, NORTON, STEFANO, 2017). Nesse novo ecossistema não existe divisão entre o online e off-line, real e virtual. Nele não é mais possível definir as dimensões humanas e não humanas e pode ser visto o contato entre usuário com filtros, algoritmos, tecnologias e máquinas. Tudo é conexão e o fluxo de comunicação observado nesse espaço é cada vez mais descentralizado e hibridizado.

Toda essa mudança é parte das transformações advindas da web 2.0. Segundo Di Felice (2014), após a consolidação das redes sociais pode ser visto a disseminação de uma cultura do acesso, da simultaneidade e da interação. Além disso, é muito perceptível o grande grau de colaborativismo presente nas redes sociais. O que nos leva a duas questões importantes para o presente trabalho: a formação de comunidades e a inteligência coletiva. “As mobilizações no meio digital são promovidas quando os indivíduos se identificam com a causa posta a debate e/ou quando concordam com a argumentação.” (TAVARES, BARBOSA, SANTOS, 2014). Compreende-se, portanto, que para haver identificação é necessária uma compreensão das ideias e desenvolvimento de confiança para que o autor chegue ao ponto de cooperar com uma mobilização.

Recuero (2018) entende alguns processos nas redes como processos dinâmicos, estes categorizados como as ações que são consequências diretas de interação entre os atores. “Redes são processos dinâmicos e, como tais, sujeitos a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura.” (NICOLIS & PRIGOGINE, 1989 apud RECUERO, 2018). Um dos processos dinâmicos mais importantes das redes é o da cooperação, ela é o processo formador das redes sociais. Sem a cooperação não existe rede, sem ela não existe sociedade. É através dela, do agir organizado e coletivamente que se funda o conceito de rede (nós que se unem).

Bauman (2003) defende a ideia de que comunidade e liberdade são conceitos conflituosos, afinal, segundo o autor, viver em comunidade anula a liberdade, a autonomia, o direito à autoafirmação e à identidade. “Não ter a comunidade significa não ter proteção, alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perda de liberdade” (BAUMAN, 2003, P.10) A noção de comunidade importa para

nosso trabalho na hipótese de que o que leva ao processo de mobilização é sempre o processo anterior de pertencimento.

Recuero (2018) menciona que o início da aldeia global caminha com o início da desterritorialização dos laços sociais. Por sua vez, Costa (2005) diz que a web 2.0 é grande potencializadora dos processos de trabalho coletivo, troca coletiva, construção social e é bastante previsível a formação de comunidades. Para o autor, é necessária confiança e reconhecimento mútuo para a formação de uma rede/comunidade “Esta dinâmica do reconhecimento é com certeza uma das bases para a construção da confiança não apenas individual, mas coletiva. Redes sociais só podem ser construídas com base na confiança mútua, disseminada entre os indivíduos”. (COSTA, 2005)

Levy (2007) conceitua inteligência coletiva como a inteligência que está distribuída por toda parte e está dividida e potencializada em todos os lugares, além disso, ela resulta na mobilização efetiva das competências de um indivíduo/grupo. Segundo o autor, a abertura do ciberespaço possibilita conceber formas de organização econômica e social centradas na inteligência coletiva e na valorização do ser humano.

“Os procedimentos de decisão e avaliação hoje em uso foram propostos para um mundo estável e uma ecologia de comunicação simples. Ora, a informação hoje é torrencial ou oceânica. O hiato entre o caráter diluviano dos fluxos de mensagens e os modos tradicionais de decisão e orientação se fazem cada vez mais presentes” (LEVY, 2007, p. 61)

Como apontado em nossa hipótese, será que, de fato, a construção da rede enquanto uma comunidade, os processos de confiança, colaboração e cooperação são determinantes no processo de mobilização? Será que a hibridização dos papéis de cada ator no processo tem atuação imediata sobre essa formação da comunidade? A partir da análise das ações do dia de 23 de setembro de 2020, conseguiremos compreender um pouco mais sobre essas questões.

Análise e desenvolvimento

Por anos os fluxos comunicativos foram considerados unidirecionais, ou seja, um único centro emissor produz a informação para um público maior que recebe o conteúdo. Contudo, o novo modelo de comunicação em rede cria, cada vez mais, possibilidades de interação. Assim, temos um sistema de comunicação que é multi e conduzido por muito mais atores. Para Castells(2013), esse fenômeno pode ser compreendido como autocomunicação das massas, Recuero (2018) entende alguns processos nas redes como processos dinâmicos, estes compreendidos como as ações que são consequências diretas de interação entre os atores. “Redes são processos dinâmicos e, como tais, sujeitos a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura.” (NICOLIS & PRIGOGINE, 1989 apud RECUERO, 2018)

Como já pontuamos anteriormente, atualmente trabalhamos em um ecossistema conectivo altamente hibridizado e ubíquo. As dimensões entre o real e o virtual são praticamente imperceptíveis. O fato da evolução tecnológica ter nos possibilitado acesso à internet de todo lugar e conexão na palma da mão através do smartphone transformou a forma de se comunicar. A narrativa agora é contada por todos, não existindo apenas um único polo emissor de informação. Agora, todo mundo é ator ativo no processo comunicacional, participa e narra a história do seu ponto de vista. Na análise dos atos (online e offline), utilizamos a metodologia de estudo de caso, para dar conta de compreender as dimensões totais do processo estudado. Analisamos as estratégias de mobilização e o engajamento dos atores do processo. Partimos da ideia de compreender o fluxo da mesma mobilização entre rua e rede, Instagram e Twitter.

Escolhemos observar as ações do dia 23 de setembro de 2020, os atos, divididos em ações virtuais e em atividades nas ruas, foram chamados de “Mobilização Nacional pela Educação”. Nas ruas, foram feitas atividades direcionadas a um público menor de pessoas, algo coordenado e simbólico, com finalidade de evitar as aglomerações. Segundo divulgação postada pela própria UNE, as cidades de Belém, Macapá, Manaus, Brasília, Recife, São Paulo, Salvador, Viçosa, Belo Horizonte, Florianópolis, Fortaleza, Natal, Aracaju, São Luís, Curitiba, Goiânia, Rio de Janeiro, Porto Alegre e João Pessoa receberam atos presenciais. É importante mencionar que nas postagens de divulgação dessas atividades muitas pessoas se colocaram contrárias à mobilização. A alegação, muitas vezes, era de que a entidade estava incentivando a aglomeração em um momento

que todos deveriam estar em isolamento físico. Percebe-se aí outra dinâmica das redes (Recuero, 2018), o conflito.

Na data observada, o perfil @uneoficial no Instagram possuía 279 mil seguidores, enquanto no Twitter o número de seguidores da entidade era de 126 mil seguidores. Ao analisarmos as duas redes sociais e o processo de mobilização do dia 23 de setembro é necessário que nos atentemos para as características de cada rede. O Instagram tem grande apelo visual e estético, é uma rede pensada para a produção e divulgação de fotos. A visualidade importa mais do que a textualidade. Além disso, é uma rede com pouca conversação, apesar das várias ferramentas disponíveis para o diálogo, como o próprio stories. Já o Twitter, é a rede social da instantaneidade, da rapidez e da praticidade. Talvez seja a rede social mais propícia para o debate de opiniões e abordagens políticas. Quando observamos a divulgação das coordenadas do ato virtual, vide *imagem 1*, percebemos que as potencialidades de cada rede social são reconhecidas pela UNE e existe a expectativa de que o público mobilizado interaja nas várias redes.



Imagem 1 - Banner de divulgação ato virtual / Fonte: Instagram @uneoficial

Como podemos notar, o banner de divulgação orienta as atividades virtuais na intenção de mobilizar as pessoas em torno das pautas políticas da educação. No ato específico, são três os principais chamados para ação: o tuitaço (ação no Twitter), a postagem de fotos com a frase “Salve a educação” (estratégia pensada principalmente para o Instagram, mas também Facebook) e a “pressão nos parlamentares” (com o objetivo de buscar contato direto com os representantes políticos, a fim de mobilizá-los em torno da pauta). É importante destacar que no mesmo momento em que as atividades do ato virtual aconteciam, militantes também estavam nos atos nas ruas. Provando que de fato existe o encurtamento das distâncias e das dimensões territoriais entre o campo online e off-line.

É preciso que compreendamos o fenômeno do tuitaço, a ferramenta é muito utilizada nas mobilizações ciberativistas devido a suas dimensões de alcance e sua possibilidade de aglutinação de pessoas em torno de pautas em comum. Conseguimos perceber, ao analisar a aplicação da #SalveAEducação no período do tuitaço, que muitas pessoas se envolveram na mobilização. Para além dos estudantes organizados, o movimento atingiu importantes instituições, como universidades, diretórios dos estudantes, federações de curso e centrais sindicais. Outra participação importante no processo foi a de figuras emblemáticas da política brasileira. Parlamentares e figuras influentes da política brasileira tuitaram com a #. Além, é claro, houve grande participação do público geral que, compreendeu a ideia, se identificou com a pauta e utilizou do momento para se aproximar e expressar politicamente.

Sobre a participação dos atores nas mobilizações via Twitter, Watts e Doods (2007, apud De Lima-Lopes, 2019) referem que a participação de grandes figuras públicas, pessoas influenciadoras tende a ser menos importante no processo de mobilização do que as pessoas que estão em um mesmo patamar de importância na rede. Nesta pesquisa, não nos atentamos tanto para a formação da rede e compreensão das figuras midiáticas, mas observamos que, contradizendo o apontado pelos autores, as postagens feitas por políticos e personalidades influentes apresentam mais engajamento. Observando o número de retweet e curtidas, notamos que a notoriedade deles acaba ajudando na divulgação da pauta e na ampliação do debate, visto que a partir do

momento que compartilhado em suas redes passa também a fazer parte da sua própria comunidade.

Recuero (2018) aponta alguns valores de capital social fundamentais para a manutenção de uma rede social e são eles mediadores de certa influência dos atores: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade. A visibilidade talvez seja um dos valores mais importantes para o estudo do capital social, é ela que está diretamente relacionada à manutenção da rede. Quanto mais conectado o ator é, maior será sua visibilidade. A reputação diz respeito à construção que os outros atores da rede têm do ator observado, é uma percepção qualitativa da relação entre os atores. A popularidade está relacionada a audiência, ao público que uma rede social atinge, é uma percepção mais quantitativa de capital social. Já a autoridade, para nós aqui a mais importante, está diretamente relacionada ao processo de confiança, da influência que um ator tem sobre outro ator.

A importância do capital social para os aspectos de mobilização

Como já mencionamos mais acima, a comunidade é muito importante nas redes sociais. É dela que surgem e se fortalecem as interações sociais e os laços sociais, que possibilitam a conexão. Rheingold (1995, apud Recuero, 2018), um dos primeiros autores a usar o termo “comunidade virtual” a define como “agregados sociais que surgem da rede (internet), quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante tempo suficiente (...) para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”. Nesse sentido, a comunidade virtual seria compreendida como espaço aberto para discussões públicas, onde as pessoas podem se encontrar e desencontrar e podem escolher manter ou não contato através da internet, e assim, contribuir para a formação de uma rede sólida.

Entretanto, essa rede só se forma quando os atores mantêm entre si alguma relação de pertencimento. É necessário existirem relações sociais (Recuero, 2018) para que uma rede funcione de fato como uma comunidade. Costa (2005) aponta que um conceito importante para a compreensão da comunidade é o conceito de capital social. Este entendido como: a capacidade de interação dos indivíduos, seu potencial para interagir com os que estão a sua volta, mas também com os que estão distantes e podem

ser acessados remotamente. Nas palavras do autor: “capital social significaria aqui a capacidade dos indivíduos produzirem suas próprias redes, suas comunidades pessoais” (COSTA, 2005, p. 239).

Recuero (2018) retorna o conceito de capital social definindo-o como um conjunto de recursos de um determinado grupo social (recursos variados) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que apropriado individualmente e isso se baseia no valor da reciprocidade. A autora menciona ainda que é fundamental para os estudos sobre capital social que se entenda não apenas as relações sociais do processo, mas também os conteúdos das mensagens que são trocadas. Por isso, para o estudo das redes, ao nosso ver, é extremamente importante a observação do todo. Costa (2005) ao traçar o diálogo entre capital social e a formação das comunidades conclui que a dinâmica de se reconhecer parte de um processo é uma das bases da construção de confiança individual e coletiva. O autor diz ainda que:

“Mais profundamente, pode-se constatar que o nível de capital social de uma comunidade, além de ser um fator que aponta para o potencial de inter-relação das pessoas e para essa capacidade de construção de confiança coletiva, é também um indicador do nível de negociação das preferências de cada indivíduo. Nesse sentido, avaliar o capital social de um coletivo é compreender em que etapa ou estágio se encontra a negociação das pessoas naquele momento, se ele é rico, com ações coletivas claras e nível de confiança elevado” (COSTA, 2005)

Considerações finais:

O cenário de pandemia provocou diversas transformações em vários setores da vida cotidiana, não seria diferente em relação aos processos do ciberespaço. Notamos que os fluxos ativistas tiveram grandes mudanças, principalmente quando relacionado a frequência do uso das mídias sociais para mobilizações. É fato que ações ciberativistas existem a um bom tempo e que as redes sociais antes da pandemia já eram utilizadas para pequenas e grandes mobilizações, mas entendemos que há aí um processo de transformação, em que antes, na maioria das vezes, o online era mais utilizado como suporte, como caminho para as ações off-line e que, durante a pandemia de Covid-19, as redes tiveram que se tornar não só suporte como meio efetivo para as mobilizações.

Entendemos a partir dessa pesquisa que a formação da comunidade em uma rede social é importante para a manutenção dos laços e relações estabelecidas ali. É preciso sensação de pertencimento e, no caso estudado aqui, a comunidade e a confiança nela são fundamentais para o engajamento. Conseguimos observar ainda que a autoridade e a referência de figuras influenciadoras impactam consideravelmente na dimensão dos processos de mobilização.

Notamos ainda que o perfil observado trabalha inserido no ecossistema conectivo e consegue que suas ações atinjam o campo real e digital, online e off-line. As ações, mesmo em pandemia, são sempre pensadas para atingir públicos diferentes. Seja o da rua, ou o da rede. O ato analisado, do dia 23 de setembro de 2020 mostrou que as atividades propostas foram pensadas estrategicamente para ocupar espaço tanto no Instagram, rede social com apelo visual, quanto no Twitter, que tem no seu espaço mais instantâneo e político. Apontamos para estudos futuros a necessidade de uma maior compreensão sobre os aspectos relacionais das redes sociais da UNE e um maior detalhamento do perfil da comunidade @uneoficial.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2003
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p
- COSTA, Rogério. **On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence**, Interface Comuni., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.
- DI FELICE, Massimo. **Network Society: da esfera pública para a conectividade**. In MARCHIORI, Marlene (org.). Sociedade, comunidade e redes. Difusão Editora, Rio de Janeiro. Editora Senac, Rio de Janeiro. 2014.
- DE LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves. **Artes, Militância E Ciência Das Redes. Letras Em Revista**, [S.l.], v. 10, n. 01, out. 2019. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/254>>. Acesso em: 08 nov. 2020.
- TAVARES, Viviany Rodrigues de Souza, BARBOSA, Bruno dos Reis, SANTOS, Flávia Martins dos. **O Uso Das Redes Sociais Como Meio De Mobilização Social Nos Protestos Nacionais De Junho De 2013**. Revista Panorama. Goiás. 2014
- LÉVY, Pierre.. **O que é o virtual**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Inteligência Coletiva**. Edições Loyola; São Paulo. 2007

RECUERO, Raquel; **O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social**; Contemporânea; 2012

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre. Sulina. 2018. 206 páginas

SANTAELLA, Lúcia. **A relevância das comunidades virtuais na cultura organizacional**. In MARCHIORI, Marlene (org.). Sociedade, comunidade e redes. Difusão Editora, Rio de Janeiro. Editora Senac, Rio de Janeiro. 2014.

VIEIRA, Soraya, STEFANO, Luiza, NORTON, Isabela. **Linguagens expandidas no universo conectivo**. X Simpósio Nacional da ABCiber: Conectividade, Híbridação e Ecologia das Redes Digitais. 2017